ACTO FALHO 21

UMA PUBLICAÇÃO
DO DEPARTAMENTO
FORMAÇÃO EM PSICANÁLISE

Maio 2015 | Departamento Formação em Psicanálise | contato.formacaoempsicanalise@sedes.org.br | www.formacaoempsicanalise.com.br

O ERRO DO ACTO FALHO

POR LUCAS NOGUEIRA

Porque esse jornal se chama Acto Falho? Talvez seja um erro, cometido pelos primeiros editores e propagados pelo seguintes. A grafia correta no português seria "ato falho", mas por vezes escrevemos de maneira arcaica com consonantes mudas para simular um requinte do velho e uma erudição perdida.

Mas enfim, independente da grafia ainda somos nomeados a partir de um erro. O ato falho é um erro de fala, onde se diz algo quando se pensava estar dizendo outra coisa. Freud esclareceu que o erro na verdade era a mensagem correta, original, que ficou suprimida por recalques e desencontros internos, mas que com um pouco de análise pode ser descrita. Então de um erro de comunicação passamos à um erro de repressão.

O que se fala e o que se queria mesmo falar costumam ser assuntos de divã, mas os alunos da formação em psicanálise acharam prudente escancarar esses temas numa publicação serial. A idéia era publicar textos de alunos, sobre os mais variados temas que envolvessem a vida interna de um psicanalista. Assuntos mais correntes tratavam das dificuldades da formação, trabalhos de destaque e pequenos ensaios sobre obras e autores relevantes, para eles ao menos. Ainda assim a publicação sempre encontrou espaço para pequenos desvios, como exposições de textos literários de autoria própria, coluna de eventos e até algumas receitas de cozinha.

Assim como o ato falho, o que acaba sendo publicado é o que por fim está se passando na cabeça dos alunos, com pouco controle do lado de cá, por mais que certa edição seja inevitável.

Por vezes ele perde a força e termina por sumir no desinteresse dos envolvidos. Eu mesmo ja participei de um ciclo anterior do jornal; ví ele ressurgindo para morrer no ano seguinte.

De certo o culpado hoje tem sido a falta de tempo das pessoas para se dedicarem à um texto. Por ser um jornal de alunos ele depende da contribuição constante de gente interessada em se expressar, mas talvez, como o nosso nome gostaria de contrariar, nem sempre escapamos do recalque.

Talvez nós acreditemos, inconscientemente, que o Acto seja escrito com essa suposta erudição para indicar que aqui se tratam de espectativas altas, estudadas e embasadas corretamente, mas peço que desconsiderem essa espectativa.

Se queremos ser analistas melhores talvez devamos nos espelhar nos professores, que mesmo publicando anualmente em revistas especializadas como a nossa Boletim ainda encontram tempo e energia para escrever um texto mais descompromissado e compartilhá-lo no jornal. Nas ultimas edições o jornal contava com a participação deles muito mais do que com a dos alunos, que se restringiam a no máximo publicar um trabalho que

ÍNDICE

ACTO FALHO 21

O ERRO DO ACTO FALHO - LUCAS NOGUEIRA

FERIDAS NARSÍCICAS - GUSTAVO ADOLPHO JUNQUEIRA AMARANTE

"ELE, EU, NÓS" - ISAAC LEVENSTEINAS

PENSAMENTOS SOBRE A CLÍNICA - TAÍS VIANA

CARTA AOS COLEGAS EM FORMAÇÃO: DAS ANGÚSTIAS ANTE A ESCRITA PSICANALÍTICA - LUCIENE GUIÃO DE OLIVEIRA

IDENTIFICAÇÃO E NARCISISMO: A CLASSE MÉDIA NAS MANIFESTAÇÕES CONTRA O AUMENTO DA TARIFA DE TRANSPORTE PÚBLICO EM SP - OLÍVIA LUCCHINI

WHIPLASH - ANA LUCIA GONDIM BASTOS

RETROSPECTIVA E INVERSÃO DE PAPÉIS EM TERRA COMUNAL, MARINA ABRAMOVIC - FERNANDA MOLINARO

havia recebido uma boa avaliação.

Não é só por vaidade que eles o fazem, mas por já entenderem que a composição de um texto, por mais simples que seja, exige que o autor se componha em uma figura e expresse um ponto de vista. Ela pede coesão interna e talvez esse seja um segundo motivo que afugenta os autores, os alunos ainda se encontram perdidos a respeito do que entenderam e do que acreditam exatamente. Essa figura coesa é que serve posteriormente de referência ao autor quando ele tenta se compreender como analista.

As vezes ficamos confusos a respeito do que nós mesmos pensamos a respeito de algum assunto, e nos referimos à autores e educadores para compreender o que faz ou não sentido. Num primeiro momento essa é toda a coesão que conseguimos compor, mas depois de certa estrada só conseguimos avançar se partimos do nosso referêncial, de nós como autores, como analistas.

E exatamente por isso que precisamos desse jornal. Ele oferece esse espaço despreocupado para que você possa começar a se ver como analista, começar a escrever sobre sua clínica e subsequentemente sobre você. Com certeza você irá mudar com o tempo e passar a discordar daquilo que está escrito alí, e por isso também pense em adiar a escrita até ter certeza do que expressar. Esse é o único erro que devemos evitar.

E não existe problema em errar ocasionalmente. Se existe algo acertado nesse nome é que ele indica que estamos sempre tratando de um erro. De um erro de comunicação em primeiro momento, quando pensamos que queremos escrever aquelas palavras, para logo depois descobrir que foi um erro de recalque: conseguimos nos dar liberdade de se expressar. Poderiamos nos dar a tranquilidade de usar um diário, um pequeno blog, ou até uma rede social, mas a data limite de entrega e premissa de publicação editada nos deixa mais afiados como comunicadores e nos força a tomar controle da nossa escrita, dos conteúdos que insistem em ficar sob forma abstrata em pensamento e não suportam serem compostos num argumento. Escrevendo que se revela a falácia do que se estava pensando e se descobre por fim o analista por debaixo das linhas. Então convido vocês a errarem junto comigo e escrever, e de quebra lhes ofereço esse espaço de publicação.

Erremos!

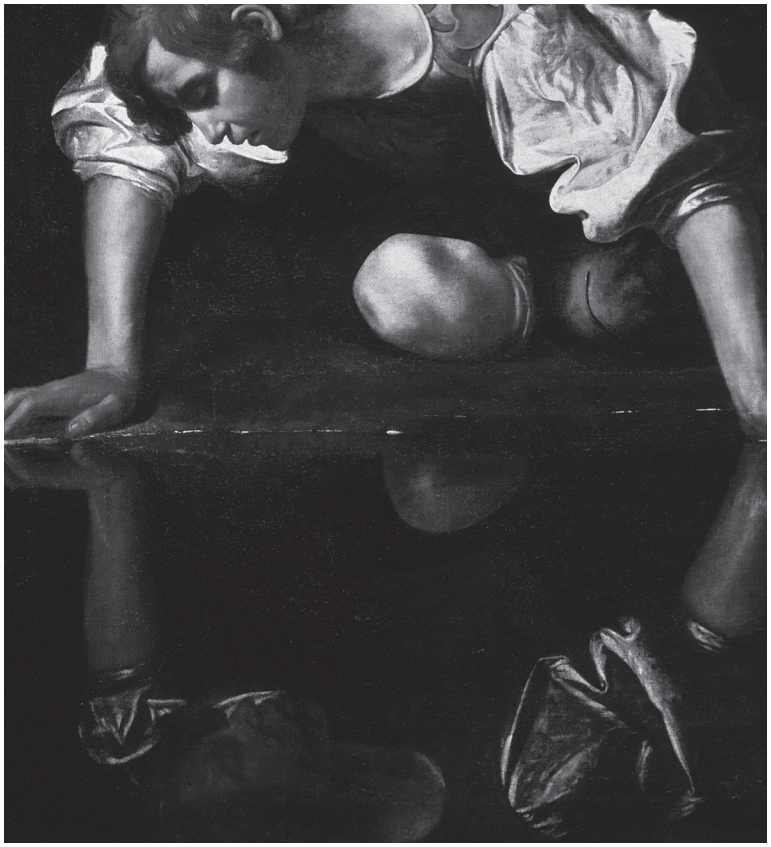
FERIDAS NARCÍSICAS

POR GUSTAVO ADOLPHO JUNQUEIRA AMARANTE

O crescimento e o amadurecimento pessoais (e também sociais), processos permantes e quase ilimitados, não se constituem de modo fácil e indolor. Desde um tempo fugidio da memória, somos forçados a conviver com frustrações que se iniciam com as que se associam à sobrevivência ou auto-preservação e simultâneamente, com as que se ligam à busca de prazer e evitação de desprazer. Este sofrimento primitivo, introdução ao mundo real, dá-se num momento da vida em que, de algum modo, fantasiamos possuir uma onipotência, que contrasta flagrantemente com a dependência absoluta de outros. Assim se instalam as primeiras feridas narcísicas, impostas por uma realidade que desconhecemos, por um outro que não reconhecemos, e contra os quais desenvolvemos forte sentimento de ódio e desejo de destruição.

Na medida em que a realidade se revela e o outro se diferencia de nós mesmos, percebemos que aquele e aquilo que por vezes odiávamos, são também os objetos que nos sustentam e que nos amam. Passamos então a experimentar uma intensa vivência de culpa por agredir e odiar o que descobrimos também amar. Com a culpa aparece o desejo de reparar o dano imaginário causado, tudo envolto em angústia, o motor do desenvolvimento de nossas relações primeiras. Ódio, culpa, amor e reparação, permeando um mundo em parte fantasiado e que progressivamente ganha realidade, formam o alicerce da singularidade de cada um de nós.

Borrões intensos e indiscerníveis, terríveis e amedrontadores, transformam-se em imagens nítidas, do mesmo modo que uma miríade de sons incompreensíveis, em algum momento se constituirá



em palavras e linguagem. Longo é o caminho dos primeiros meses de vida, quando se instala na memória, na memória obscura e turva das sensações difusas e confusas, o padrão de referência de todas as experiências por vir. Sem perceber, à ele retornamos sempre que a realidade nos infligir nova ferida narcísica, novo arranhão na onipotência infantil, novas realidades e novos desafios.

Aos cinquenta e quatro anos de idade, reflito sobre as minhas próprias feridas narcísicas, as antigas e as recém abertas. Vejo (e sorrio diante da evidência da perda da onipotência imaginada) os incontáveis retornos aos tempos borrados da aurora da minha vida. Sinto novamente o ódio primevo, o desejo de destruir, a descoberta do amor e da culpa, e o desejo de reparar. Sinto uma vez mais a "angústia de quem vive", e sigo adiante. Percebo que no refazer esses caminhos arcaicos, a dor re-experimentada transforma sem alterar e altera sem transformar: reafirmo minha singularidade em meio à tantas outras singularidades. Descubro e redescubro que viver não é fácil, é apenas possível.

"ELE, EU, NÓS" POR ISAAC LEVENSTEINAS

Nas quartas-feiras no horário do almoço é hora de abrir a mente para o novo. Pegamos os ingredientes, lavamos, cozinhamos juntos... A cada semana um prato diferente, gostos variados, resultados surpreendentes. Assim são nossos encontros sobre Bion sob a coordenação de Emir Tomazelli, Armando Colognese Junior e Cecília Noemi de Camargo. Uma das sobremesas, feita a posteriori, foi este texto preparado por mim.

O paciente fala:

- Eu já lhe falei sobre isto , né? Que eu fiz uma análise anterior?

O analista se surpreende… Já falou sobre isso? Este paciente já havia estado com ele antes? Na verdade, se ele se esforçasse, o rosto daquele paciente até lhe parecia familiar. Mesmo aquela voz não era de todo estranha… Mas tudo aquilo lhe parecia estranho. Porque não se recordava de ter estado com aquele paciente antes, apesar de em suas anotações constarem o início dos atendimentos, há 10 anos… Também, na verdade, ele próprio, analista, não se lembrava de ter estado ali naquele consultório outra vez… Parecia a mesma decoração, a mesma luz, mas ao mesmo tempo tudo parecia tão novo, seria ele … ele mesmo? Tomado de um certo assombro e provisório escurecimento mental, sentiu-se flutuando… Veio à mente um bebê nascendo, veio à mente um tal de Bion falando… Olhou através dos olhos da mente para sua própria imagem… e então percebeu que aquilo ERA a experiência que estava encontrando com a pessoa que estava ali, perto dele… não tinha nome, não tinha cara…

Sentiu vontade de sorrir, mas o que viu foi uma risada em alto e bom tom… Nas palavras de Bion, na brilhante tradução de Estanislau Alves da Silva Filho,

BION - "Eu gostaria de considerar o paciente que você vai ver amanhã. Eu tenho uma grande vantagem, porque eu não sei absolutamente nada sobre ele, então eu não estou tão facilmente enganado quanto você que provavelmente acha que viu ou ouviu tal paciente hoje. Minha sugestão é a de que apesar de haver alguma vantagem no fato de conhecê-lo previamente, tal condição pode ser um estorvo já que se trata de algo que pode ficar no caminho, obstruindo o fato de que o paciente foi, viveu e pensou, e já não é mais o mesmo 'paciente de amanhã' de hoje — ou o do final da sessão como o do início. Este ponto é curiosamente difícil de entender na prática real — e é disso que eu estou tentando falar aqui. Eu não estou muito interessado nas teorias da psicanálise ou psiquiatria ou quaisquer outras teorias; o ponto importante é o que eu chamo de “a coisa real”, a prática de análise, a prática do tratamento, a prática da comunicação. A questão que então se coloca é: de que forma você fala com esse paciente que você nunca viu antes, mas que tende a achar que conhece pois o viu ontem? A dificuldade é esta: quando você está lidando com uma mente ou caráter, as fronteiras não são tão claramente marcadas como elas parecem ser quando você está lidando com anatomia ou fisiologia." (Trechinho do capítulo 2 do Tavistock Seminars [4 julho 1977])

PENSAMENTOS SOBRE A CLÍNICA

POR TAÍS VIANA

É um momento importante no trabalho de um psicanalista quando este percebe que todos os casos lidos, os exemplos dos livros e as teorias psicanalíticas ficam em uma espécie de pausa no momento da análise.

Quando um paciente fala de seu sofrimento, de seus medos, de suas angústias e, contratransferencialmente, o analista sente essa angústia, nenhuma teoria pronta, que poderia ser 'vomitada' no paciente, poderá ajudar.

Inúmeras leituras são feitas quando um profissional se identifica com a Psicanálise e entra nessa jornada que é se tornar um psicanalista. Lê-se muitos autores, muitos casos, teorias, teoria da técnica, um mundo de informações é aberto e existe, inicialmente, uma preocupação para achar o caminho adequado, como se dentro da Psicanálise houvesse um caminho certo a ser percorrido. Com a experiência, aprendi que não há caminho a ser escolhido: em um dado momento o profissional, instintivamente, se movimenta de certa forma, seguindo uma trilha que tem a ver com a sua história, sua personalidade, sua clínica, seus pacientes.

Uma espécie de identificação com algumas teorias ocorre de maneira natural dentro de cada analista e, de repente, algo faz mais sentido, como se o caminho fizesse a escolha, e não o contrário.

A escolha de determinados textos, de teorias, técnicas, maiores ou menores afinidades com certos analistas dentro de uma Instituição (que também já foi "escolhida"), todos esses fatores são frutos de transferências inevitáveis. O psicanalista percorre trilhas transferenciais e assim seu caminho o constrói.

Sinto que quanto mais me aproprio dessa trilha, do meu jeito particular de trabalhar, mais tenho a confirmação de que apenas respeitando quem sou é que posso, junto ao meu paciente, acertar um caminho.

Entendo que a neutralidade técnica é imprescindível, mas não posso desconsiderar que há uma pessoa com sua história, seu jeito, sua idade, seu sotaque e toda a subjetividade que não pode (nem deve) ser apagada. A pessoa do analista necessita ser levada em consideração, respeitada.

Essas ideias me fazem pensar sobre possíveis correlações existentes entre os conceitos: transferência, contratransferência, vínculo analítico e pessoa do analista.

No artigo de 1912, A dinâmica da transferência, Freud afirma que cada sujeito, através da disposição inata e de suas experiências, organiza uma forma específica de portar-se eroticamente. No transcorrer de sua vida ele encontra objetos que lhe permitem atuar suas pulsões através da satisfação dos desejos. A questão é que nem todas as pulsões passaram pela totalidade das etapas de desenvolvimento existente. A parcela que conseguiu passar por todas as fases de desenvolvimento é consciente. A parte que ficou fixada em algum ponto do desenvolvimento psicossexual é inconsciente e/ou se manifesta apenas através de fantasias.

Assim, um indivíduo que é insatisfeito na esfera amorosa dirige seus desejos a cada pessoa que conhece. Esta aproximação é envolta de idealizações em relação ao objeto, no sentido de que esta seja efetivamente aquela que irá satisfazer plenamente suas necessidades. A aproximação ao analista gera a mesma fantasia: o paciente utiliza os modelos de objeto que tem disponível a fim de estabelecer uma relação com ele. Ou seja, o paciente transfere para a figura do analista suas formas primitivas de relação de objeto.

A ocorrência da transferência positiva é importante para a participação do paciente no processo analítico. Logo, Melanie Klein, ciente disso, fez acréscimos muito importantes ao conceito, favorecendo que ele se tornasse, mais ainda, um grande e importante aliado.

Em seu texto 'As origens da transferência', de 1952, Melanie Klein explica sua visão da transferência:

Sustento que a transferência origina-se dos mesmos processos que, nos estágios mais iniciais, determinam as relações de objetos. Dessa forma, na análise temos de voltar repetidamente às flutuações entre objetos amados e odiados, externos e internos, que dominam o início da infância. Só podemos apreciar plenamente a interconexão entre as transferências positiva e negativa se explorarmos o interjogo inicial entre o amor e o ódio, e o círculo vicioso entre agressão, ansiedades, sentimentos de culpa e uma maior agressão, bem como os vários aspectos dos objetos para os quais são dirigidas essas emoções e ansiedade conflitantes. Por outro lado, através da exploração desses processos arcaicos, convenci-me de que a análise da transferência negativa, que havia recebido relativamente pouca atenção na técnica psicanalítica, constitui uma precondição para analisar as camadas mais profundas da mente. A análise tanto da transferência negativa quanto da positiva, bem como sua interconexão, constitui, como venho defendendo há muitos anos, um principio indispensável para o tratamento de todos os tipos de pacientes, crianças e adultos igualmente. (1991, p. 76)

Sendo assim, foi visto que conforme as angústias, persecutória e depressiva, e a culpa diminuíssem durante a análise, o paciente tinha menos necessidade de repetir as experiências fundamentais. Desta forma, antigos padrões e modos de sentir seriam mantidos com menor tenacidade. Essas mudanças só se mostram possíveis de houver análise consistente da transferência, pois "estão ligadas a uma revisão de alcance profundo das primeiras relações de objeto e refletem-se na vida presente do paciente, bem como na modificação das atitudes em relação ao analista". (Klein, 1991, p. 79)

Seguindo a mesma linha de pensamento, Betty Joseph (1985) fala da transferência como uma 'situação total'. Autora faz menção ao modo como os pacientes comunicam seus problemas e como isto está "frequentemente além de suas associações especificas e além de suas palavras, e isso muitas vezes só pode ser aferido por meio da contratransferência" considerando então que são situações totais que são transferidas do passado (1992, p. 172).

Essas ideias nos remetem à seguinte premissa: desde o primeiro contato com o paciente, uma relação é

estabelecida. O encontro faz com que o analista ganhe um corpo, um rosto, um tom de voz. Cada paciente terá suas próprias questões em relação a tudo: ao fato do analista ser homem ou mulher, gordo, magro, atender em uma sala grande ou pequena, aos objetos de decoração da sala de espera ou da sala de análise. E as atitudes do analista frequentemente têm algum tipo de ressonância em seus pacientes e isso pode ser algo positivo para o processo, segundo Etchegoyen:

A atitude do analista que reflete e interpreta é fundamental, porque dá ao paciente um modelo a partir do qual sobrevém a identificação e fica sancionada a dissociação terapêutica do ego. O protótipo da dissociação terapêutica do ego é o processo de formação do superego, mas com a diferença de que ocorre em um ego maduro e de que sua demanda não é moral, já que se encaminha a adotar uma atitude de observação contemplativa e serena. Para Sterba, a parte do ego que se orienta para a realidade e se identifica com o analista é o filtro através do qual deve se passar todo o material transferencial que o ego, graças à sua função sintética, irá gradualmente assimilando. (ETCHEGOYEN, 2004, p. 142)

O vínculo analítico é o meio através do qual ocorrem as psicanálises, e esse meio surge das características pessoais do paciente e do analista, revivências e atualizações que ocorrem mediante a interação daquela dupla em particular. Ou seja, trata-se de um fenômeno extremamente complexo nos quais muitos fatores agem recíproca e concomitantemente.

Apesar de Freud nunca ter feito menção especifica ao termo aliança de trabalho, em seu artigo de 1913 ele afirmou que o primeiro objetivo da terapia é possibilitar o estabelecimento de uma ligação entre o paciente ao analista. Essa recomendação vai ao encontro da definição que preconiza que o vínculo analítico compreende uma relação de trabalho entre paciente e analista e que visa, fundamentalmente, lutar contra as resistências ao processo analítico.

Para Elizabete Zetzel (1956) o vínculo analítico é muito importante para o êxito do processo psicanalítico. A autora ressalta que a maturidade do ego do paciente é o que possibilita o estabelecimento de uma relação que tenha por objetivo o trabalho analítico. Tais características antecedem o contato inicial entre a dupla e é critério de analisabilidade.

As experiências em minha sala de análise me enriquecem e me fazem, de alguma maneira, evoluir, amadurecer e aprender um pouco mais a respeito da técnica e de meu ofício de psicanalista. Preferiria aprender mais com os acertos do que com os erros. Mas, em psicanálise, às vezes, um passo para trás pode significar um importante avanço adiante.

Alguns fatores inerentes ao processo auxiliam o estabelecimento e manutenção da aliança entre analista e analisando. Durante o tratamento, assim como já citado acima, o ego do paciente tende a realizar uma divisão e uma das partes passa a colaborar com o analista, enquanto a outra passa a funcionar de maneira oposta ao tratamento. O principal disparador dessa divisão é a identificação que o paciente realiza com o analista, que frente ao sofrimento daquele apresenta uma postura de escuta atenta e implicada e de pensamento e interpretação frente aquilo que experiencia na sala de análise. A partir da introjeção dessa função analítica, o paciente, aos poucos, desenvolve a capacidade de exercer essa função analítica em relação aos seus próprios conflitos.

Penso que o vínculo analítico não exclui, mas soma-se à transferência e à contratransferência durante o processo analítico. Desse modo, reconheço que a transferência é parte do daquilo que ocorre no processo. Há algo a mais. O empenho e a competência do analista, além de seu acolhimento, flexibilidade, originalidade e capacidade de manutenção do setting analítico servirão para que o paciente possa estabelecer uma nova relação de objeto com segurança e autenticidade.

A identificação com o analista possui como modelo o processo de formação do superego. Porém, desta vez, o processo ocorre pelo contato quando o analisando possui um ego mais maduro e na relação com o analista, que apresenta uma postura de escuta e reflexão que não possui características morais, o que favorece o desenvolvimento dessa capacidade no paciente através da função sintética que seu ego possui. Ou seja,

aos poucos a parte voltada para a realidade do ego do paciente vai se constituindo através da síntese e introjeção das características do analista. Desta forma, com a interpretação do conflito surgido na transferência, o analista possibilita a separação e posterior evidenciação dos aspectos que estão ligados à realidade e aqueles que possuem investimento de pulsões parciais ou que visam à defesa. Esse procedimento, quando repetido ao longo do tempo, possibilita uma "dissociação saudável" no ego do paciente de modo que surja uma função de continência e análise em relação aos aspectos mais impulsivos e primitivos.

Tinha a ideia de que quanto mais "fiel" eu fosse às teorias da Psicanálise, melhor analista eu seria. Descobri que as coisas não funcionavam exatamente dessa forma. Aos poucos percebi que em meu consultório, em alguns momentos, eu enrijecia; sentia-me presa a alguns moldes teóricos, ou mesmo ao ouvir outra opinião (de um analista mais experiente em um seminário clínico, teórico, supervisão ou grupo de estudos) a respeito de um caso percebia que apesar de teoricamente a recomendação estar correta, eu não poderia concordar com ela. Isso ocorria, ou porque a achei rude demais, ou porque achei tão teórica que pareceria mais uma explicação didática do que uma interpretação que pudesse ser aproveitada pelo paciente.

Ao me perguntar o porquê - embora concordasse com a teoria - não faria daquela forma, comecei a descobrir que, tecnicamente, eu fazia algumas modificações que tinham a ver comigo e com aquele paciente em particular. Por mais que eu tentasse explicar a outro analista, ele não sentiria as especificidades de meu vínculo com aquele ou aquela paciente em particular.

O tripé psicanalítico (análise pessoal, supervisão e estudo teórico) é a base forte para todo analista. Frente a essa premissa, passei a me interessar pela ideia de que estando segura neste tripé eu poderia me permitir ser maleável, colocando-me um pouco mais ou um pouco menos em cada relação, ficando mais calada ou sendo mais falante, usando meu tipo de humor ao falar e interpretar.

Sempre que o analista escreve ou fala a respeito de um caso clínico, esse relato evidencia o modo através do qual ele o vivenciou. A narrativa do caso é única forma de compartilhar aquilo que foi vivenciado de forma íntima durante o encontro analítico. Deste modo, sempre que essa narrativa ocorrer, necessariamente o modo pessoal deste analista em especial de trabalhar também será evidenciado.

Acontece que o trabalho da Psicanálise é exercido por alguém, que é analista. Ou seja, por um analista que possui suas particularidades e idiossincrasias. Assim, como disse Vincenzo Bonaminio (2012; p. 4) em uma comunicação na Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto "(...) a narração e a escrita falam de nós, nos revelam ao outro e, através do outro, nos revelam a nós mesmos".

Seguindo as ideias de Bonamínio, na hora em que o psicanalista decide interpretar, as associações-livres, que ocorrem na privacidade do paciente, são interrompidas pelo singular modo do analista de ver a situação. Essa observação me impulsiona a reconhecer que é justamente a interpretação que possibilita uma separação entre paciente e analista, é a interpretação que possibilita a alteridade no encontro. E no momento no qual o analista fala, cria um espaço entre os dois, separando-se, assim, daquele que é objeto da análise. Além disso, Bonamínio afirma que:

(...) apesar de sua intenção e de sua disciplina em não invadir o campo próprio do paciente, o analista no momento em que decide fazer uma interpretação ou permanecer em silêncio, deixa inevitavelmente que algo de si mesmo, algo de pessoal, algo de sua individualidade transponha os limites, reduza aquela distância e aquela separação que tinha, justamente, criado para comunicar, e inevitavelmente revela ao paciente algo de si mesmo. (pag. 5)

Com essas afirmações, entendo que o autor pretende fazer referência à comunicação que ocorre de inconsciente para inconsciente a qual Freud fez menção e que está nos fundamentos do tratamento analítico. Caso sustentemos essa visão fica claro que a pessoa do analista está inserida nesta concepção.

Sendo a Psicanálise uma relação que se estabelece entre duas pessoas, nada mais oportuno que pensar neste momento a respeito da pessoa do analista. Acredito que não temos muitos problemas para aceitar que o termo pessoa do analista diz respeito à interferência que os fatores pessoais do analista exercem no processo psicanalítico e seus efeitos terapêuticos ou patógenos.

Suponho que relação entre analista e paciente não se baseia, essencialmente, nas modulações do fenômeno transferencial-contratransferencial, pois reconheço que as características reais do analista, como traços físicos, aspectos emocionais, princípios morais, e hábitos cotidianos também exercem influência no processo da análise. Aqueles que consideram essa possibilidade entendem que algumas características reais do analista são determinantes tanto para o êxito, quanto para o fracasso de uma Psicanálise.

Os principais pressupostos nos quais se baseiam os analistas que reconhecem a influência que a pessoa do analista exerce no processo de análise são: em primeiro lugar, o reconhecimento de que um mesmo paciente pode ter um crescimento mental muito bom com um analista e praticamente nulo com outro analista tão competente quanto o primeiro, mesmo sendo ambos orientados teoricamente pelos mesmos autores; além disso, um mesmo paciente pode ter níveis diferentes de evolução com o mesmo analista, de acordo com os aspectos que estejam sendo tratados naquele momento do processo.

Zimerman (2004), afirma que as características pessoais do analista são importantes, pois elas podem determinar o bom andamento da análise. Indo além dessa observação, o autor afirma que sua experiência como supervisor o levou a entender que aquilo que Freud chamou de reação terapêutica negativa na maioria das situações se trata de reação terapêutica negativa.

O efeito terapêutico que a Psicanálise oferece não é possibilitado única e exclusivamente pelas interpretações do analista, mas também a pessoa do analista realiza uma influência determinante para o crescimento mental do paciente. Além do analista possibilitar a vivência de experiências que não foram

ofertadas pelos primeiros cuidadores, ele também funciona como um novo modelo de identificação, sem que ele, o analista, necessite adotar uma postura ativa para que isso ocorra.

Seguindo o modelo de identificação das crianças com os seus pais, as crianças se identificam principalmente com aquilo que veem seus pais fazendo e muito menos com aquilo que eles dizem para fazer. De modo semelhante, o paciente aos poucos se identifica introjetivamente com a forma peculiar do seu analista pensar, falar, discernir, e agir frente às regras existentes no setting analítico. Nessa última, inclui-se o quanto o analista é verdadeiro ou não, logo, confiável ou não. Por fim, vale resaltar que a capacidade continente e a função alfa do analista possibilita que o analisando os utilize como modelo, constituindo, assim, sua função analítica.

Zimerman (2004) a respeito desse assunto afirma que:

(...) toda análise bem sucedida deve necessariamente transitar por processos de algumas desidentificações, seguidas de re-(ou neo)-identificações. (...) as desidentificações abrem um significativo espaço no psiquismo do paciente, o qual, então, está a espera de novos modelos de identificações substitutas que sejam harmônicas com aquilo que ele, de fato, é ou com o que ele quer vir a ser – ou seja, ele necessita de reidentificações -, sendo justamente ai que a figura real do terapeuta adquire uma importância capital. (pag. 93)

Seguindo ainda as ideias de Zimerman (op. cit), os aspectos pessoas do analista são mais importantes, quanto menos estruturado está o self do paciente. Por outro lado, o autor afirma que quanto mais o self do paciente estiver desenvolvido, mais relevância possuem as interpretações.

Isso me ajuda a pensar nos aspectos envolvidos em diversos casos exitosos publicados, nos quais as interpretações do analista em questão, quando lidas, geram em nós sensação de estranhamento e um questionamento quanto ao modo como foi possível obter efeitos terapêuticos com aquelas interpretações.

Zimerman (2004) afirma que todos esses analistas trabalhavam com amor, interesse, acreditavam naquilo que estavam fazendo e continham, sem medo, os conteúdos psicóticos que eram neles projetados. Ou seja, a pessoa real que eles eram compreendia fator de grande importância no êxito das análises que conduziam.

Entendo que a Psicanálise não ocorre exclusivamente através da interpretação. Hoje em dia existe um leque de operações interpretativas e não interpretativas para gerar ação terapêutica. Nesta linha de pensamento, acredito que vale a pena destacar quais aspectos da relação analítica oferecem ação terapêutica. Inicialmente, Gabbard (2012) ressalta que um dos fatores que possibilitam o tratamento dos pacientes é a experiência emocional vivenciada junto ao analista que corrige falhas surgidas de antigas relações objetais patológicas. Dessa forma, e a partir da experiência desta nova relação, medos, desejos, motivações e defesas, que possuem cadeias associativas construídas a partir das relações de objeto, podem ser resignificados e transformados em algo mais maduro e adaptado.

Não estou afirmando que pelo simples fato do analista ser diferente do paciente ele possibilita modificações em seu mundo interno. Muito pelo contrário! De acordo com Gabbard (2012) algumas características do analista precisam ser semelhantes às do analisando para que ocorra ativação cadeias associativas a serem trabalhadas.

Por todo o exposto, considero que não existe uma única trilha a percorrer em nosso trabalho como analistas, apesar de achar que seria mais simples trabalhar se esse caminho único existisse. Reconheço, então, que algumas técnicas funcionarão para alguns pacientes, enquanto outras funcionarão para outros. E, além disso, alguns analistas funcionarão para alguns pacientes, enquanto outros analistas funcionarão para outros, e penso que a pessoa real do analista está muito envolvida nisso.

BONAMINIO, Vincenzo. A pessoa do analista como conceito central da psicanálise contemporânea. Congresso da Sociedade Brasileira de Psicanálise de Ribeirão Preto, tradução: Dra. Marta Petricciani (SBPSP). Disponível em: https://psicanalisedownload.files.wordpress.com/2012/08/apessoa1.pdf

CLARKIN, J.F.; FONAGY,P; GABBARD, G. O. Psicoterapia psicodinâmica para transtornos da personalidade: um manual clínico. Porto Alegre: Artmed, 2012.

ETCHEGOYEN, R. Horacio. Fundamentos da Técnica Psicanalítica, 2° Ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2004.

FREUD, Sigmund (1912) A dinâmica da transferência. In. Edição Standard Brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud, vol. XII – Rio de janeiro: Imago, 1970.

JOSEPH, B. (1985) Transferência: situação total. In: Feldman, org Spillius, E. B., org Equilíbrio psíquico e mudança psíquica: artigos selecionados de Betty Joseph. Rio de Janeiro: Imago, 1992.

KLEIN, M. (1952) As origens da transferência. In: Inveja e gratidão e outros trabalhos – 1946-1963. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

ZIMERMAN, D. Manual de Técnica Psicanalítica – uma revisão Porto Alegre: Artmed, 2004.

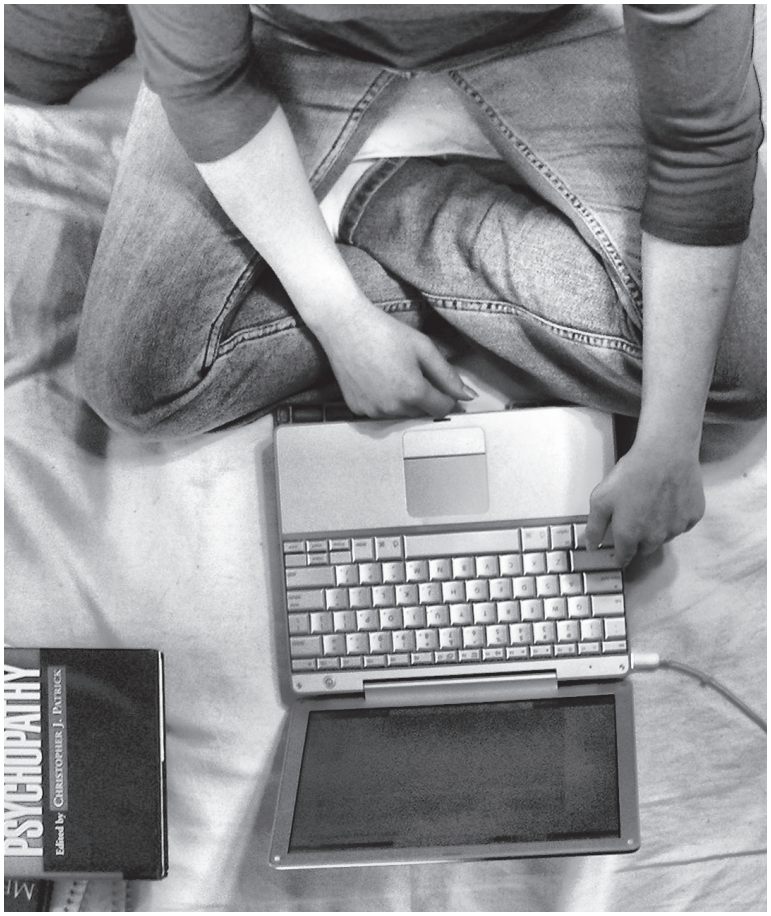
CARTA AOS COLEGAS EM FORMAÇÃO: DAS ANGÚSTIAS ANTE A ESCRITA PSICANALÍTICA

POR LUCIENE GUIÃO DE OLIVEIRA

Tenho medo de escrever. É tão perigoso. Quem tentou, sabe. Perigo de mexer no que está oculto – e o mundo não está à tona, está oculto em suas raízes submersas em profundidades do mar. Para escrever tenho que me colocar no vazio. Neste vazio é que existo intuitivamente. Mas é um vazio terrivelmente perigoso: dele arranco sangue. Sou um escritor que tem medo da cilada das palavras: as palavras que digo escondem outras – quais? Talvez as diga. Escrever é uma pedra lançada no poço fundo.
(Clarice Lispector – Um sopro de vida)

Assunto muito comum entre colegas em formação, o sofrimento ao escrever, sempre foi para mim uma questão. Ao pensar o porquê tantos não realizam suas monografias finalizando importante ciclo de nossa formação; pensei em refletir, ainda que brevemente, sobre as possíveis angústias presentes nesse processo.

Ao longo do curso somos forçados a escrever; tendo nossa avaliação, na maioria dos casos, subordinada à entrega de um trabalho escrito. Algo problemático, uma vez que temos que escrever sobre um assunto que pode não ter nos despertado maior interesse. Por outro lado, cada texto nos prepara para uma escrita mais elaborada. Aos poucos vamos nos aperfeiçoando até chegar o momento da monografia, quando podemos escrever sobre aquilo que nos interroga e nos inquieta; enfim estamos livres. Tal liberdade pode assustar, pois agora temos um vasto campo a pesquisar e muitas leituras a realizar. Uma série de questões de ordem concreta pode atrapalhar o processo, mas quero me deter nas questões subjetivas.



Com André Green[1] deixei de crer num ser supremo que pode escrever livre de qualquer angústia, ser idealizado ante nossa realidade de iniciantes. Ele relata uma situação que me pareceu muito familiar. Diz ele que de repente uma idéia lhe vem à mente, já sabe as citações que deseja encontrar e ao consultar a obra de Freud: surpresa! Ele abre a página exatamente onde procurava, sentindo uma euforia, não se isentando de seu estado de onipotência. Eis que chegado o momento de utilizar a dita citação não a encontra, levando assim, horas a mais num trabalho que requer prazo para seu término.

Freud em "Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância", fez um milhafe passar por um abutre, Green comenta esse erro ou lapso de Freud e caça o abutre em seus próprios textos. Relata o que para ele foi um grande erro: citar o famoso sonho de Irma de Freud em 1894 e não em 1985.

Green cita M'Uzan ao dizer que não se pode escrever sem ser um pouco ou muito parricida e aí podemos chegar ao ponto que nos interessa, não é possível escrever sem enfrentar nossos "monstros" internos. E aqui cito Green: "O combate travado contra os outros autores não é senão um combate contra si mesmo, na medida em que o pai interno morto é a causa do conflito e a mãe desejada sua aposta. A verdade não é outra senão a mãe: sedutora e mortífera! (p. 155).

Escrever para Green é testemunhar uma cena onde se encontram os amigos, os menos amigos, os falsos amigos, e até mesmo, os inimigos. Mas que de fato, o campo de batalha dá-se no interior de si mesmo. "Deve-se, portanto testemunhar e necessariamente se desvendar. Pode-se dizer que um psicanalista jamais escreve que sobre si mesmo (p. 152).

Narciso e Édipo dando trabalho e fazendo trabalhar!

Lembremos o que Freud nos ensinou: "A ânsia por conhecimento parece ser inseparável da curiosidade sexual" (p. 18)[2]. Com nosso "pequeno Hans" vemos a equivalência simbólica entre "lumf" (fezes), pênis, bebê e presente.

E com o que nos deparamos em nossa pesquisa adulta? Lá está ela, sempre, a sexualidade infantil com seus desdobramentos positivos ou negativos, impulsionando ou emperrando a pesquisa.

O trabalho escrito pode tanto estar equacionado a bebês como a fezes, lembrando que as fezes para a

criança é um produto – presente, algo precioso, para mais tarde relacionar-se ao sujo e tudo aquilo que deve ser excretado.

Assim, a escrita comportará sempre um tanto de resistência, afinal, o motivo mais secreto que motivou sua escrita, nem o próprio autor o sabe. Quanto maior a resistência; mais o autor pode esconder-se atrás de suas teorias, utilizá-las como dogmas, tornando seu trabalho asséptico, sem "alma", onde sua impressão, sua marca não pode aparecer.

Resistências e até pequenas sabotagens que todos temos que lidar: quem nunca deixou de salvar seu trabalho, após tantas linhas já escritas? E o que dizer dessa estranha coincidência: justamente quando estiver prestes a entregar seu trabalho sua impressora ou computador cismarão em apresentar algum tipo de problema.

Melanie Klein tem a contribuir para pensar nosso tema em questão. O impulso epistemofílico, o desejo de conhecer em seus primórdios deriva do impulso de penetrar o corpo materno para descobrir seu interior, movimento carregado de sadismo. Dessa maneira ela pôde pensar a natureza da inibição no brincar; e por conseqüência compreender a inibição intelectual. O excesso de sadismo poderia justamente paralisar o movimento de conhecimento[3].

Pedra lançada em poço fundo podemos pensar com Klein que a escrita não deixaria de mobilizar angústias de natureza esquizo-paranoides e depressivas. Parece mesmo muito comum oscilações entre estados de entusiasmo e certa euforia, mesclado com desânimo e tristeza.

Como nos mostra Peter Gay, mesmo Freud enquanto escrevia sua grande obra "A interpretação dos sonhos", queixava-se a Fliess do "castigo medonho" que era realizar a pesquisa bibliográfica sobre o assunto. "Se ao menos não se tivesse que ler também! A pouca literatura existente já me desagrada tanto!" (p.112). E Freud teve que ler muito mais, devido à natureza inovadora de suas idéias deve ter sido mesmo muito difícil encontrar pouco material que lhe parecesse interessante. Todo esse esforço como forma de proteger sua obra de possíveis ataques. Como cita Gay: "Não queria dar aos "cientistas" um machado para matarem o pobre livro" (p. 112).

Interessante também pensar os sentimentos envolvidos durante o levantamento bibliográfico, o que me fez pensar em winnicott. Quero pensar a escrita em psicanálise como um processo criativo, por este ângulo Winnicott tem muito a contribuir. Primeiramente porque ele estende o conceito de criatividade à experiência de sentir-se vivo, sentir que a "vida é digna de ser vivida" (p. 99)[4]. Desse modo, ser criativo não se limita a criar uma obra de arte, mas a um estado interior de poder entrar em contato com seu sonho, sem perder-se num mundo subjetivo, tampouco estar submisso, prisioneiro do mundo objetivo. Lembremos da experiência do bebê de ter criado o objeto. A mãe suficientemente boa permite ao bebê a ilusão de ter criado a mãe-seio.

Utilizo-me de Winnicott para pensar a ilusão de que podemos (re)criar a teoria psicanalítica, problematizamos, temos nosso interesse a ser pesquisado, podendo viver momentos de êxtase, e eis que encontramos em outros autores aquilo que queríamos ter "inventado". Onipotência, êxtase e desilusão necessária talvez façam parte de todo processo de escrita.

Green utiliza-se do conceito de capacidade negativa de Bion para lembrar que o analista deve sustentar a incerteza, tolerar a dúvida, sem tentar ultrapassá-la ou ficar irritado. O analista na sua pesquisa deve saber tolerar a incerteza e a ignorância.

Joyce McDougall[5] também se interessou pelo processo criativo e pensa os momentos de inibição ligados às fantasias associadas à sexualidade pré-genital, donde a cena primaria é o elemento central. Diz a autora: "O indivíduo ousou brincar sozinho, por intermédio de seu veículo de expressão escolhido, a fim de satisfazer objetivos narcísicos, libidinais e sádicos secretos; ousou exibir ao mundo inteiro o produto resultante; em sua produção, ousou tirar partido da sexualidade pré-genital, com toda ambivalência concomitante; finalmente, ousou, na fantasia inconsciente, "roubar" os órgãos e os poderes geradores dos pais e, com estes, partiu para fazer seus próprios rebentos criativos" (p. 67).

A identificação bissexual tem lugar muito importante em seu trabalho, segundo ela, ao criar, produzir, cada um pode ser homem e mulher ao mesmo tempo. "Obras intelectuais e artísticas são rebentos criados partenogeneticamente" (p. 16).

Por tudo exposto, escrever é um ato de coragem, coragem de se desvelar, de enfrentar seus monstros. Somente ao encontrar certa trégua em seu mundo interior, ou público interior como nos diz Mac Dougall o público externo poderá receber nossos rebentos. Mas não criemos expectativas que esse público externo acolherá nosso bebê – texto, tudo pode acontecer, e ele estará sujeito a todo tipo de julgamento. Esse bebê também pode ser bem aceito, recebendo alimentos propiciadores de novos frutos.

E por que escrever? Quando escrevemos, pensamos, fazemos re-ligações, o que até então estava como idéias "soltas" ganham forma e contorno, mas a cima de tudo somos capazes de atirar a pedra no poço, mergulhar, pesquisar e criar.

Parido num misto de dor e prazer um trabalho escrito como a monografia é uma experiência que não deve ser desperdiçada. Há um preço a ser pago, como tudo na vida, como a própria espontaneidade tem que ser bancada, mas isso já fica para uma próxima pesquisa...

1. A escrita do psicanalista: critica do testemunho. Revista Brasileira de Psicanálise vol. XXVI.

2. (1909) Análise de uma fobia em um menino de cinco anos.

3. Ver Melanie Klein: "Estágios iniciais do conflito edipiano e do superego (1932)". In A psicanálise de crianças. "A personificação no brincar das crianças (1929)". In; Amor culpa e reparação. "A importância da formação de símbolos no desenvolvimento do ego (1930). In: Amor culpa e reparação.

4. O brincar e a realidade.

5. As múltiplas faces de Eros – uma exploração psicoanalitica da sexualidade humana. Ed. Martins Fontes.

IDENTIFICAÇÃO E NARCISISMO: A CLASSE MÉDIA NAS MANIFESTAÇÕES CONTRA O AUMENTO DA TARIFA DE TRANSPORTE PÚBLICO EM SP

POR OLÍVIA LUCCHINI

Em junho de 2013 eclodiram diversas manifestações na cidade de São Paulo que acabaram por atingir um nível nacional. A demanda principal, inicialmente, foi a redução da passagem do transporte público, enfim alcançada em 47 municípios (até 21/06/2013). Após essa conquista, as manifestações cresceram em número, em segmentos da população, em reivindicações e em novos líderes[1].

Podemos observar dois momentos distintos nestas manifestações: num primeiro, baixíssima adesão da classe média e repúdio aos manifestantes, retratados por ela – e pela mídia a ela destinada – de vândalos, esquerdistas, sem uma boa causa. A luta era por "apenas" 20 centavos e ridicularizava-se a possibilidade de uma tarifa zero para o transporte público, já que esta implicaria em uma escolha política de transferência de riqueza e socialização dos custos desse transporte.

Num segundo momento, aqueles que antes repudiavam o movimento e suas manifestações, a eles aderiram: a classe média vai às ruas, se junta a esses outros antes rechaçados e engrossa o coro, paulatinamente transformando também o caráter das reivindicações. Nomeou-se a massa em movimento, de forma bastante vaga e genérica, de povo brasileiro e o objetivo político se esfumaçou, perdendo sua clareza e assumindo a máxima dos "contra a corrupção".

Minha proposta nesse artigo é analisar as manifestações que tomaram conta do Brasil à luz da teoria psicanalítica, ou melhor, a partir dos conceitos de narcisismo e identificação. Meu recorte se dará na adesão da classe média, em São Paulo[2], a um movimento e a reivindicações, inicialmente, de lutas populares. Neste sentido, pergunto: até que ponto podemos entender essa adesão massiva da classe média como a formação de um grupo em que houve renúncia narcísica em prol de um outro, aqui entendido como a classe popular?

De forma nenhuma entendo o ponto de vista que se apresentará esgota o tema ou mesmo é suficiente para elucidá-lo. Ressalto ainda que estamos, ainda agora, vivenciando transformações no caráter das manifestações; por isso, talvez o que seja escrito aqui hoje não represente mais a situação amanhã, mas nem por isso se torna inválida a tentativa de analisar a movimentação que se deu em junho do ano passado.

Mesmo com tais ressalvas, entendo que a psicanálise possa – e deva – contribuir nessa interlocução, ultrapassando os limites do setting e oferecendo reflexões acerca desse fenômeno social. Afinal, se entendermos o sujeito enquanto sujeito social, não há porque pensarmos que a psicanálise, estando cônscia de suas limitações, não possa se prestar a tal propósito. Nas palavras do próprio Freud:

"(...) contudo, raramente e sob certas condições excepcionais, a psicologia individual se acha em posição de desprezar as relações desse indivíduo com os outros. Algo mais está invariavelmente envolvido na vida mental do indivíduo, como um modelo, um objeto, um auxiliar, um oponente, de maneira que, desde o começo, a psicologia individual, nesse sentido ampliado mas inteiramente justificado das palavras, é, ao mesmo tempo, também psicologia social." (Freud, S; Psicologia de Grupo e Análise do Ego [1921]. In: ESB, Vol. XVIII. Pag. 81)

Para analisar a questão acima proposta, terei como base o texto Psicologia das Massas e Análise do Eu, escrito por Freud em 1921. Nele, o autor tem a preocupação de analisar os efeitos do grupo sobre o indivíduo. Formula a hipótese de que não nos agrupamos em virtude de uma pulsão social, mas sim em virtude da força da libido, através da qual renunciamos ao amor por nós mesmos em troca do amor ao outro.

Como então, a partir dessa concepção, explicar a adesão de sujeitos da classe média – com sua conseqüente renúncia narcísica - a um movimento, inicialmente, com demandas populares[3]? Para responder a tal pergunta, penso ser necessário introduzir o conceito de identificação, conhecido na psicanálise como "a mais remota expressão de um laço emocional". (Freud, S; Psicologia de Grupo e Análise do Ego [1921]. In: ESB, Vol. XVIII. Pag. 115)

Freud postula a existência de três tipos distintos de identificação. A primária, diz respeito ao enlace com os primeiros objetos, os parentais. Tendo havido uma escolha de objeto, abre-se espaço para uma identificação secundária, de caráter regressivo, como na melancolia, em que a "sombra do objeto cai sobre o ego" (Freud, S; Luto e Melancolia [1915]. In: ESB, Vol. XIV. Pag. 254). Aqui, a vinculação com o objeto libidinal se dá por meio da introjeção do mesmo no ego. Por fim, existe um terceiro tipo, denominado identificação histérica, no qual não existe necessariamente um vínculo entre o sujeito e o objeto. Ela acontece a partir de um traço inconsciente comum entre ambos: *"pode surgir com qualquer nova percepção de uma qualidade comum partilhada com alguma outra pessoa que não é objeto de instinto sexual. Quanto mais importante essa qualidade comum é, mais bem-sucedida pode tornar-se essa identificação parcial, podendo representar assim o início de um novo laço." (Freud, S; Psicologia de Grupo e Análise do Ego [1921]. In: ESB, Vol. XVIII. Pag. 117)*

No caso das manifestações em questão, penso que esse conceito de identificação histérica pode nos ajudar a entender a adesão da classe média ao movimento. Essa adesão massiva ocorreu precisamente após uma severa repressão policial contra o 4º ato no dia 13 de junho, em São Paulo. A partir disso, poderíamos perguntar: qual o traço inconsciente mobilizou a identificação histérica dessa classe média com o alvo da violência policial? Casos de brutalidade policial são extremamente recorrentes no estado de São Paulo. No entanto, raras vezes foram suficientes para promover tal identificação[4]. O que houve de especial, então, neste caso?
Essa é uma pergunta complexa e penso que ainda não temos todos os elementos para respondê-la. No entanto, tenho por hipótese que tanto o lugar onde se deu a violência – centro financeiro e bairros nobres da cidade – quanto a presença de muitos estudantes e jornalistas da classe média dentre os presos e agredidos pela polícia mobilizaram um traço inconsciente que permitiu uma identificação histérica.
A meu ver, esse traço identificatório decorre, em primeiro lugar, do medo inconsciente da possibilidade de se colocar naquela situação de violência tão comum e recorrente das periferias das grandes cidades. Em segundo lugar, decorre do sentimento de culpa, também em parte inconsciente para a maioria, de ter, na semana anterior, conclamado a repressão policial. Isso fica claro na seguinte citação, extraída do jornal O Estado de São Paulo, de 18/junho: "Até 5ª feira passada, a aposentada Maria Silvia Migliori, de 61 anos, classificava como vândalos os estudantes que saiam às ruas para protestar contra o aumento do transporte público. Mas mudou de idéia quando a polícia resolveu atacar. 'Tremi de raiva quando vi isso e resolvi que a única forma de pedir desculpas aos jovens era participar hoje. Estou cheia de emoção', disse."
Cremos que se trata do mesmo mecanismo identificado por Freud no caso das meninas do internato:

"Suponha-se, por exemplo, que uma das moças de um internato receba de alguém de quem está secretamente enamorada uma carta que lhe desperta ciúmes e que ela reaja por uma crise de histeria. Então, algumas de suas amigas, que são conhecedoras do assunto, pegarão a crise, por assim dizer, através de uma infecção mental. O mecanismo é o da identificação baseada na possibilidade ou desejo de colocar-se na mesma situação. As outras moças também gostariam de ter um caso amoroso secreto e, sob influência do sentimento de culpa, aceitam também o sofrimento envolvido nele. Seria errado supor que assumissem o sintoma por simpatia. Pelo contrário, a simpatia só surge da identificação e isso é provado pelo fato de que uma infecção ou imitação desse tipo acontece em circunstâncias em que é de presumir uma simpatia preexistente ainda menor do que a que costumeiramente existe entre amigas." (Freud, S; Psicologia de Grupo e Análise do Ego [1921]. In: ESB, Vol. XVIII. Pag. 117. Grifos meus)

A infecção mental da classe média, portanto, não é necessariamente um laço de simpatia pelo outro, antes tomado como adversário; não estão relacionando-se libidinalmente com o objeto receptor da agressão. No entanto, ao se sentiram ameaçados, pontualmente, pela violência cotidiana do Estado Brasileiro que veio bater às suas portas, descem às ruas, mobilizados por tais traços inconscientes.

Essa hipótese nos leva a entender tal adesão como algo que pode assumir um caráter efêmero. Aderir de outra maneira a esse grupo, numa identificação que não histérica, exigiria renúncias do ponto de vista narcísico. Esses setores da classe média estariam dispostos a, por exemplo, apoiar uma proposta de IPTU progressivo de acordo com a qual imóveis mais valorizados arcariam com parte do custo do transporte de moradores da periferia? Ou mesmo apoiar a desmilitarização da PM e a alteração da política de segurança pública pautada em bater, prender e matar?

Aqui se coloca o eixo central da questão que formulei anteriormente: os interesses narcisistas podem ser opor aos sociais. "A libido atua à maneira de uma cola que mantém a coesão e compele à harmonia, embora esteja sempre ameaçada e em perigo pelos interesses narcisistas e pelas tendências tanáticas". (Miguelez, Oscar M; Narcisismos. São Paulo: Escuta, 2007. Pg. 125)

As pessoas coloriram o rosto, vestiram-se com bandeiras brasileiras, gritaram que o povo unido jamais será vencido. Pois bem, até que ponto esse nacionalismo constitui força libidinal suficiente para manter coeso um grupo com sujeitos cujas demandas narcísicas teriam que ser abnegadas, ao menos parcialmente? Levando o questionamento às últimas conseqüências: disso tudo, criou-se algo que ultrapasse os limites da identificação histérica e solidifique-se enquanto um laço social menos efêmero?

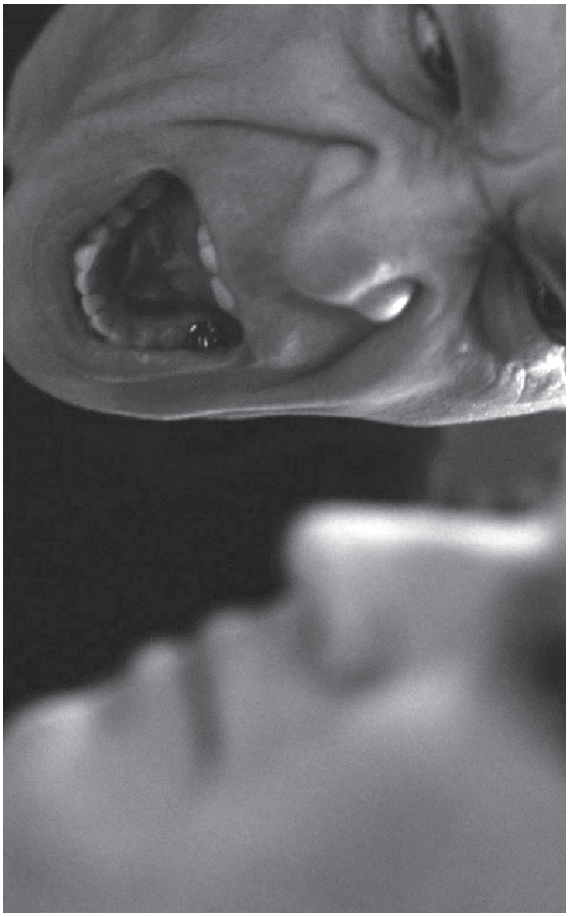
Talvez a classe média esteja em movimento como no símile schopenhauriano do grupo dos porcos-espinhos, que Freud retoma em seu texto: indo para frente e para trás buscando achar uma distância em que possa mais toleravelmente coexistir com o outro, sem morrer congelado, mas também sem se deixar furar por seus espinhos. Só não sabemos ainda até onde irão - realmente - tolerar o espinho do outro.

1. As primeiras duas manifestações em São Paulo aconteceram entre os dias 6 e 7 de junho de 2013, e segundo Movimento Passe Livre, contaram com 5 a 6 mil pessoas. Na semana seguinte, ocorreram mais duas manifestações na capital paulista (11 e 13/junho), com 10 e 12 mil pessoas segundo noticiado pela imprensa. O dia 13 foi marcado pelo ápice da violência policial, com mais de 200 presos e 105 feridos, incluindo 15 repórteres. A terceira semana de manifestações iniciou-se no dia 17 de junho com 230 mil pessoas em 20 cidades e atingiu seu ápice no dia 20 com mais de 1 milhão de pessoas em 75 cidades brasileiras.

2. As manifestações ao redor do Brasil são bastante heterogêneas. Não podemos generalizar as hipóteses levantadas nesse texto a respeito da cidade de São Paulo para as demais cidades do país.

3. A nossa história já mostrou que não se trata de uma renúncia óbvia, fácil. Quem não se lembra do movimento dos moradores de Higienópolis contra a construção de uma estação de metrô no bairro, já que traria consigo a então chamada "gente diferenciada?".

4. Para citar apenas alguns exemplos mais recentes, temos o caso do Pinheirinho, no qual 6.000 famílias foram violentamente expulsas pela PM das casas onde moravam há 8 anos, tendo seus pertences destruídos (22/janeiro/2012). Ainda em 2012, podemos destacar as diversas execuções, realizadas pela ROTA, de jovens negros na periferia de São Paulo. Ambos os casos foram amplamente divulgados pela mídia.



WHIPLASH

POR ANA LUCIA GONDIM BASTOS

A busca pela perfeição pode ser o outro lado de um relato selvagem. Somos humanos e, portanto, temos recursos para lidar com nossos impulsos e para dar a eles destinos diferentes ao que acontece na "natureza selvagem". Sim, somos seres de cultura e, portanto, é impossível pensarmos nossa existência dissociada de nossa história e de nossos contornos sociais. Lembra-nos Hannah Arendt que, em latim, a expressão VIVER é a mesma da que comunica ESTAR ENTRE OS HOMENS (inter homines esse), assim como MORRER e DEIXAR DE ESTAR ENTRE OS HOMENS (inter hominies desinere), são sinônimos. Daí a riqueza de recursos para lidar com nossas constantes demandas internas e externas, riqueza em função da qual existe a possibilidade de não fazermos relatos selvagens de nossas narrativas de vida cotidiana (retomando a temática trazida por Damian Szifrón em sua última produção). Assim, ser humano é, também, ser capaz de produzir arte e ciência. É ser capaz de criar sempre novas formas de ampliação das possibilidades de expressarmos a dor e a delícia das nossas experiências no mundo e de ampliarmos, inclusive, as possibilidades

de experiências que podemos ter. E foi assim que construímos engenhocas para voar, para nadar mais fundo ou até mais longe, para falarmos à qualquer distância, para ouvir a música que uma outra pessoa tocou num outro lugar, para congelar imagens de coisas e momentos belos e que nos trarão alegria ao rever, que inventamos histórias, plantamos flores e também árvores de sombra e frutos gostosos... ou seja, que "pintamos e bordamos" nesse tempo que passamos por aqui. Enquanto isso, é claro, ensinamos para os jovens que continuarão aí, após nossa morte, a ouvir e, quem sabe tocar ou dançar, as músicas que nos fizeram sonhar, a como construir os lugares que hoje vivemos e tudo o que sabemos sobre o "pintar e bordar" atual, para que tais jovens sejam capazes de continuar, sempre transformando e ampliando, nossa arte de ser gente no mundo!

Mas, se tudo isso é verdade, uma verdade até que bem divertida, também é verdade que nossas engenhocas não são infalíveis, que nosso corpo não é incansável e que nossa possibilidade de controle sobre os fatos, atos e criações são limitadas. E, por isso, comecei esse texto com a afirmação de que viver a busca pela perfeição pode representar o outro lado da moeda de viver como se só tivéssemos a alternativa de narrativa, baseada nas reações impulsivas, instantâneas e impensadas que são a força motriz dos relatos selvagens. E como todo outro lado de uma mesma coisa, os dois acabam por resultar em relações e relatos de vida análogos.

Não costumo apreciar muito subtítulos escolhidos para traduções de nome de filmes americanos, mas, no caso de Whiplash (2014), "a busca pela perfeição", caiu como uma luva! Desse filme, do jovem diretor Damien Chazelle, também saímos impactados (e exauridos) pela tensão constante que Terence Fletcher, regente da principal orquestra de jazz de um conservatório americano (papel executado, com maestria, por JK Simmons), estabelece com os músicos que estão sob sua batuta. Ele acredita em perfeição através da superação dos limites e, para isso, vale tudo: humilhação, violência física e todo tipo de autoritarismo, a que seus músicos acabam se submetendo pela suposta chance de despontarem como um melhor do mundo. Num momento em que ser estrela parece ser sempre muito mais promissor do que ser constelação, não é de se espantar com a sedução que Fletcher exerça sobre os músicos em formação - ainda que o exemplo que utilize constantemente seja o de Charlie Parker, cujo fim foi precoce e trágico, apesar de nos ter deixado um legado genial com sua música.

O ponto alto do filme, a meu ver, é o encontro do jovem solitário e inseguro baterista, Andrew (personagem que, com certeza, marcará a carreira de Milles Teller), com o impiedoso Fletcher. O encontro dos anseios de ambos, de suas inseguranças, suas crenças (ou falta delas), um encontro de química explosiva que nos tira o fôlego e traz a (excelente, diga-se de passagem) trilha sonora para um outro lugar, para o lugar de personagem central e não apenas de pano de fundo. Vale à pena a experiência! Vale, também, pensar o que queremos levar ou deixar dessa/nessa nossa experiência de vida passageira! No meu caso, fico ainda a pensar por que os filmes dos diretores, nada veteranos, Damien e Demian tocaram tão fundo, tão mais fundo ou de uma forma tão diferente... Até agora, na minha opinião, as estatuetas de melhores filmes, deste ano, deveriam ir para eles.

AGENDA

EVENTOS DO DEPARTAMENTO

CINECLUBE - Eu, mamãe e os meninos, de Guillaume Gallienne: Diferença, Gênero e Sexualidade

Após a exibição do filme, haverá uma conversa pelo viés da psicanálise e da sociologia.

Convidadas
Vera Warchavchik
Carla Cristina Garcia

Dia, hora e local
23 de maio de 2015, sábado - 9h30 às 12h30

Centro Cultural b_arco
Rua Dr. Virgílio de Carvalho Pinto, 426, Pinheiros
Próximo a estação Fradique Coutinho

Agenda
9h30 - 11h: exibição do filme
11h - 11h15: intervalo
11h15 - 12h30: discussão

Valor
Gratuito para membros do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae
R$ 20,00 para público em geral - pagamento no local

Inscrições eventos@formacaoempsicanalise.com.br
Vagas Limitadas

RETROSPECTIVA E INVERSÃO DE PAPÉIS EM TERRA COMUNAL - MARINA ABRAMOVIC

POR FERNANDA MOLINARO

Frequentemente incompreendida, a artista sérvia Marina Abramovic conseguiu o quase impossível na arte contemporânea: o de despertar o interesse na performance a milhares de pessoas.

Desde suas primeiras “obras” a artista desafia o corpo e mente. Em 1973, ela dança nua ao som de tambores africanos até cair exausta no chão. Em 'Rest Energy', com o antigo parceiro Ulay, afronta a morte quando tensiona um arco e flecha contra o peito, ao mesmo tempo em que o público pode ouvir as batidas de seu coração. Com o mesmo Ulay, com quem dividiu vida e obra, fez a maior das travessias, em 'The Lovers, The Great Wall Walk' (1988). Partindo de direções opostas da Muralha da China, os (ex-)amantes caminharam noventa dias para, ao se encontrar, dizer adeus. No entanto seu mais recente sucesso foi a perfomance chamada “The Artist is Present”, que atraiu mais de 850 mil visitantes ao Museu de Arte Moderna de Nova Iorque que exibia uma retrospectiva de seu trabalho. Durante toda a exposição, 736,5 horas no total, ela se sentou em uma mesa de madeira, na qual os visitantes se revezavam para enfrentar seu olhar durante o tempo que quisessem. A performance silenciosa exigia muita concentração e disposição física, sobre a qual ela observou: "O conceito de fracasso nunca entra na minha mente". A obra também contou com a participação de convidados especiais, incluindo outros artistas performáticos como Lady Gaga e Bjork. E em um momento particularmente emocionante (filmado e disponível no youtube), seu ex companheiro Ulay.

Abramovic é consciente sobre a sua importância, e está determinada a deixar um legado duradouro. "Sou como uma marca, como a Coca-Cola, a Fundação Fulbright, Lincoln Centre, o que quiser”.

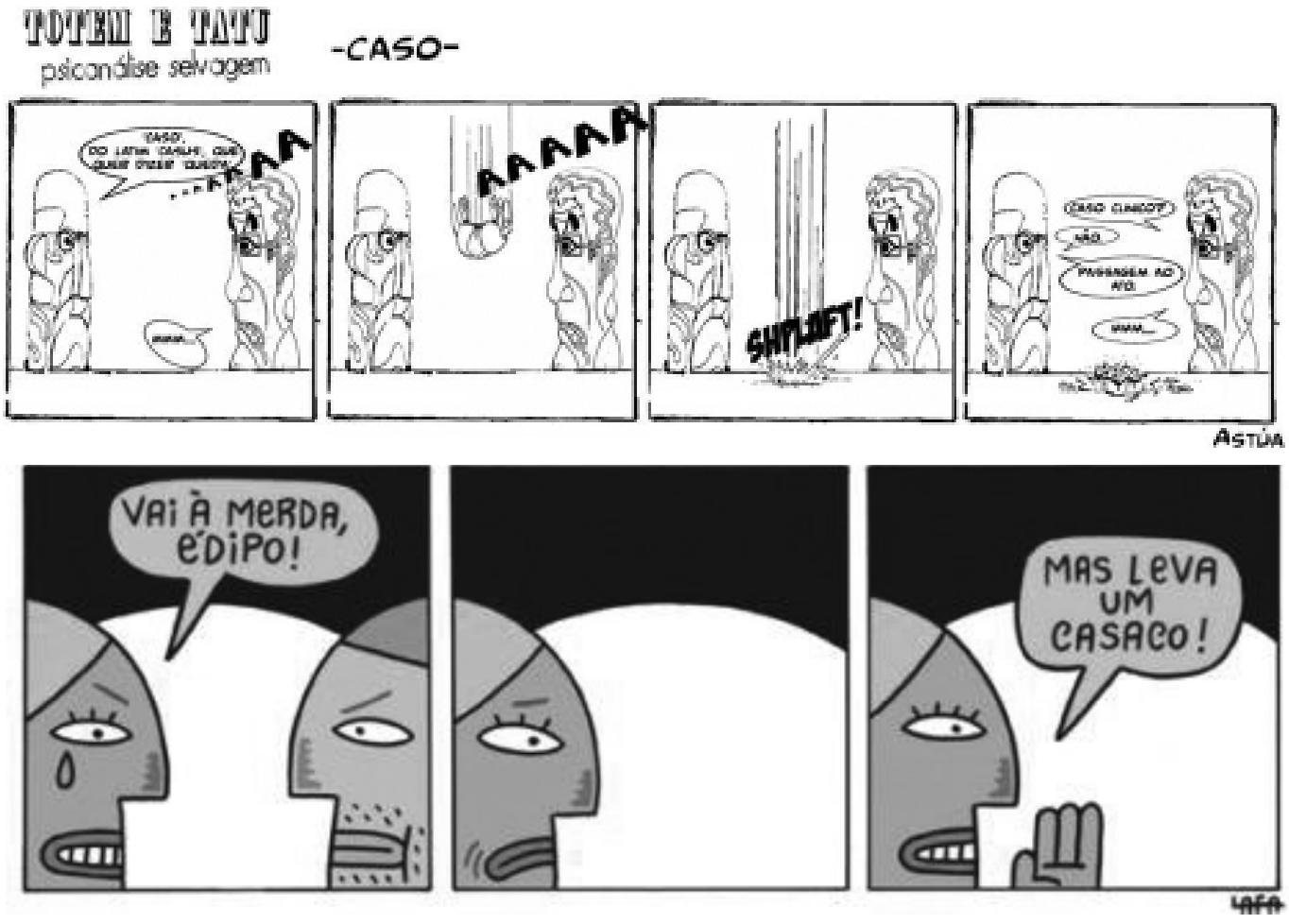
Um dos obstáculos para a arte da performance é a sua qualidade efêmera. Como arquivar e conservar as evidências de performances passadas é uma questão que o MAI - Marina Abramovic Institute ou os "Many Artists Institute" – planeja lidar. Ela escolheu um edifício em Hudson, uma pequena cidade a duas horas de Nova York, e contratou o arquiteto Rem Koolhaas para renová-lo. O Instituto abriga um workshop dedicado a ensinar o método de Marina Abramovic. A artista reluta em denominar o

Instituto de escola, mas considera o termo "spa cultural" mais adequado. Marina desenvolveu em seu Instituto um método para desacelerar o corpo e mente. Ter acesso a este método é um dos pontos altos da exposição Terra Comunal – Marina Abramovic, do SESC Pompéia que apresenta obras marcantes na carreira da artista, e de Terra Comunal – MAI, a maior apresentação do Instituto até hoje. A exposição aborda três pontos na prática de Abramovic: o Corpo Artista, referindo-se à presença de seu próprio corpo em suas performances; o Corpo Público, que se torna evidente pela desconstrução dos limites entre performer e observador; e, finalmente, o Corpo Estudante, que cria espaços de colaboração para artistas, pesquisadores e o público.

O título da exposição, Terra Comunal, é inspirado nas experiências de Abramovic no Brasil. Desde 1989, a artista vem visitando o país para pesquisar cristais e sua influência sobre o corpo e a mente, o que marcou significativamente sua prática artística. Ela criou objetos usando cristais e outros minerais brasileiros que, mais tarde, viriam a ser utilizados no Método Abramovic. Ao falar sobre a força da natureza no Brasil, a artista explica: "Quero dizer, onde o céu é grande e cheio de nuvens. Quero dizer, onde a chuva chega de uma só vez e, assim que começa, ela para. Onde você pode respirar o ar a plenos pulmões".

O método consiste em 4 etapas que dão início após uma apresentação em vídeo de 30 minutos na qual Marina, vestida com um jaleco branco bordado com as iniciais MAI apresenta uma série de exercícios de respiração e de movimentos, como sacudir o corpo todo "para se livrar de toda negatividade". Após esta agitada introdução, o participante recebe um fone de ouvido que bloqueia os sons externos e possibilita a atenção em sua própria respiração. O grupo de participantes se divide orientados silenciosamente pelos instrutores, que conduzem aos objetos que permeiam os exercícios. Um deles é permanecer de pé por 30 minutos diante de um toco de madeira cravejado com 3 cristais (um na altura da cabeça, outro do tórax e o último do ventre). O outro, sentar-se de forma ereta em vários e belos assentos de madeira cravejados de cristais brutos em diferentes pontos, por mais meia hora. Um dos mais significativos é uma travessia de 30 minutos a ser percorrida em câmera lenta. O interior do SESC Pompéia é um belo local para se apreciar durante a lenta caminhada. Por fim, deita-se em uma estrutura de madeira e cristais aparentemente desconfortável, mas que permite um relaxamento intenso (e até um cochilo) depois de desacelerar corpo e mente por 2 horas.

Nesta performance atípica, a artista transforma o seu público em performers, concedendo o seu ponto de vista ao participante, que após esta experiência de imersão em seu próprio pensamento e no silêncio, pode absorver sua obra com uma nova perspectiva.



COMO COLABORAR

PARTICIPE DA PRÓXIMA EDIÇÃO

O Acto Falho é uma tradicional publicação produzida pelos alunos do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. Desde 1996, as comissões se revezam na construção do jornal, que visa compartilhar conhecimento, informações e opiniões despretenciosas sob o olhar psicanalítico.

Todas as edições passadas, estão disponíveis no website do Departamento **www.formacaoempsicanalise.com.br** para download.

Colabore com esta iniciativa! Envie seu texto, ensaio, poema, desenho, receita, tirinha, etc.

Nosso email é **contato.formacaoempsicanalise@sedes.org.br**

VOCÊ CONHECE O SITE DO DEPARTAMENTO?

WWW.FORMACAOEMPSICANALISE.COM.BR

Há um super conteúdo esperando por você em nosso website! Vamos contar um pouco do que te espera por lá...

Em nosso website disponibilizamos todas as edições passadas da Revista Boletim para download em formato pdf, e também todos os jornais Acto Falho desde 1996. Escaneamos e rediagramamos cada edição. Imperdível!

Também possuímos um arquivo de fotos e vídeos de eventos passados e momentos importantes na história do Departamento. Digitalizamos a famosa entrevista com Donald Meltzer e criamos um canal de vídeo para abrigar este e outros valiosos momentos.

Informações sobre os grupos de estudo, eventos e cursos também estão lá. Além disso, possuímos um blog, no qual postamos links, dicas e textos cedidos pelos colaboradores.

Para que o nosso website continue semeando à comunidade um conteúdo relevante, contamos com o auxílio de vocês. Colabore com textos, links, fotos, vídeos e resenhas de encontros e eventos promovidos pelo Departamento. Críticas e sugestões também são muito bem vindas.

Estamos construindo um patrimônio digital e o nosso Departamento tem muita historia.

Agradecemos profundamente a todos que vêm colaborando conosco até o presente momento.

Contribua também através de nosso email contato.formacaoempsicanalise@sedes.org.br

EQUIPE

COLABORADORES DESTA EDIÇÃO

Lucas Nogueira, Ana Nakano, Francisco Nogueira, Taís Viana, Isaac Levensteinas, Luciene Guião de Oliveira, Olivia Lucchini, Ana Lúcia Gondim Bastos, Fernanda Molinaro, Katia Mariotto Facci e Gustavo Adolpho Junqueira Amarante.

Proj. gráfico e diagramação: www.relou.com.br

SEDES SAPIENTIAE

DEPARTAMENTO
Formação em
Psicanálise